



CRISTO CRUCIFICADO NOS TORNA PARTICIPANTES DA SANTIDADE DO PAI, NO ESPÍRITO

Pe. Célio Amaro de Souza, CP – Congregação da Paixão de Jesus Cristo
(Prov. Exaltação da Santa Cruz)

Carta de São Paulo da Cruz ao Ir. Bartolomeo de São Luiz CP, 30 de janeiro de 1755¹.

“Comprazo-me em saber que tendes um vivo desejo de estar em vosso nada, mas gostaria que o efetivasse. E sabeis como? Ora vos digo.

Quem está neste nada em verdade não fingida, é como uma árvore plantada vizinha às águas, que dá fruto todo tempo. Explico-me: Deus é a mesma verdade por essência, e quando vê uma alma no próprio nada, que dá glória à S. D. M. [Sua Divina Majestade] por tudo, nem d’Ele nada rouba para atribuí-lo a si própria, eis que, reencontrando esta alma que está sempre na verdade e não na mentira, a absorve em Si por amor; e com as águas da sua graça triunfante a rega sempre e de tal forma [que] se torna como uma árvore frutuosa, que tanto no inverno, isto é no inverno das desolações e penas internas e externas, como na primavera, verão e outono das consolações, dá sempre frutos, frutos de caridade, frutos de temor e obediência a todos, frutos de mortificação e penitência, frutos de todas as virtudes... Porque uma tal alma vestida de Jesus Cristo, penetrada das suas penas, do amor d’Ele faz doce impressão, se está sempre in sinu Dei [no seio de Deus], no reino interior. Peça ao seu mestre que ensine essas verdades, que ele lhe explicará com as luzes do Espírito Santo, e ore por mim, implorando abundantes bênçãos de Deus.”

1. Sede santos como vosso Pai é Santo

Ao contrário do que muitos acreditam, viver a santidade é um caminho de inserção no mundo. E não de fuga dele! Os valores da santidade – compaixão, bondade, humildade, mansidão, paciência, perdão, amor, gratidão, sabedoria... (cf. Cl 3,12-17) – qualificam nossa pessoa e presença no mundo. Falar em santidade é falar de humanidade! A santidade alcança-se vivendo as pequenas coisas do dia a dia que são capazes de humanizar as nossas relações. Alguém já disse um dia que santo é quem faz da sua vida um altar de amor. Portanto, se queres ser santo, seja humano!

Neste sentido escreve Maria Clara Bingemer: “Acostumamo-nos a pensar nos santos como aqueles homens e mulheres que vemos retratados em quadros ou vitrais, em geral ajoelhados e em extática contemplação; ou em ascéticos exercícios de piedade que os faz vencerem o mundo e suas ambiguidades e contradições. Imaginamos tratar-se de pessoas

que nada têm a ver com a profanidade das coisas e as limitações das pessoas e buscam a perfeição em uma ascensão ininterrupta a um estado de vida quase angélico e pouco humano”².

Santidade é, na sua radicalidade, doação de vida por amor. E o grande modelo é Cristo e Cristo Crucificado. A cruz de Jesus foi e continua sendo um grande mistério da sabedoria e do amor de Deus por nós: “Não existe amor maior do que dar a vida pelos amigos” (Jo 15,13). Como compreender um Deus que se dá por inteiro por amor? Diante deste questionamento, desafiemo-nos, como Passionistas, a escutar hoje as palavras de Jesus: “[...] a vós é dado conhecer os mistérios do reino dos céus” (cf. Mt 13,11).

O Cristo Crucificado nos torna participantes da santidade do Pai, porque o Filho é *coigual* e *coeterno* com o Pai, e n’Ele somos redimidos e chamados à santidade: “[...] eu chamo vocês de amigos, porque eu comuniquéi a vocês tudo o que eu ouvi do meu Pai [...] O Pai dará a vocês

¹ SÃO PAULO DA CRUZ. *Lettere di San Paolo della Croce*. Roma: Curia Generalizia PP. Passionisti, 1924. V. 3, p. 289-290.

² BINGEMER, Maria Clara. *Santidade ao alcance de todos*. Disponível em: <http://agape.usuarios.rdc.puc-rio.br/jb/santidade.pdf>. Acesso em mai. 2020. (NdE: demais referências à autora são do mesmo texto.)

qualquer coisa que pedires em meu nome” (cf. Jo 15,15ss).

O Catecismo da Igreja Católica (CIC, n. 459) diz que “o Verbo de Deus se fez carne para ser o nosso modelo de santidade”, fundamentando-se em Mt 11,29: “Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim [...]”. E ainda diz que toda a vida de Jesus é revelação do Pai (Cat. 516): “Quem me vê, vê o Pai” (Jo 14,9). Sobre Jesus o Pai declarou: “Este é o meu Filho amado, escutai-O” (Lc 9,35).

O apóstolo Pedro afirma: “A exemplo da santidade daquele que vos chamou, sede vós também santos, em toda a vossa maneira de viver” (1Pd 1,15). Percebe-se uma clareza do apóstolo ao entender a santidade como “maneira de viver.” Portanto, santidade se vive, se pratica no cotidiano da pessoa quando esta coloca sua vida em conformidade à de Jesus e em obediência ao Pai. Insiste o apóstolo que o Verbo fez-se carne para nos tornar participantes da natureza divina (2Pd 1,4) e “Ressuscitando a Jesus Cristo dos mortos Deus nos fez renascer para uma esperança viva, para uma herança que não se corrompe, não se mancha e não murcha” (1Pd 1,3b). Assim Cristo morreu uma vez por todas a fim de nos conduzir a Deus.

Sob o encantamento da ressurreição de Jesus, e em obediência a Ele, os apóstolos e as primeiras comunidades vão processualmente compreendendo e vivendo, a santidade: “Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim. E esta vida que agora vivo, eu a vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim” (Gl 2,20). A comunidade joanina acolhe a encarnação do Filho como expressão do amor de Deus: “Assim se manifestou o amor de Deus para conosco. Deus enviou ao mundo o seu Filho unigênito para que vivamos por Ele” (1Jo 4,9).

O Papa Francisco reafirma que viver a santidade é um chamado para todos. Um chamado que está patente desde as primeiras páginas da Bíblia³. A Abrão o Senhor disse: “Anda na minha presença e sê perfeito” (Gn 17,1; GE, 1). O Santo Padre, recordando uma homilia de Bento XVI⁴, nos relembra ainda que os santos, que já chegaram à presença de Deus, mantêm conosco laços de amor e comunhão. “Podemos dizer que

estamos circundados, conduzidos e guiados pelos amigos de Deus” (GE, 4).

Comentando esta Exortação do papa, Bingemer ressalta: “A santidade não é uma subida, mas sim uma descida ao encontro dos outros [...]. Não se trata de um apelo para alguns poucos escolhidos [...]. Pelo contrário, é a radicalização do ser humano como caminho para o encontro com o verdadeiro Deus”. Complementando: “Ser santo não é para campeões de perfeição, mas para pecadores que se reconhecem como tais, mas se deixam configurar pela graça de Deus e pelo apelo que vem da alteridade desfigurada de todo aquele que sofre e necessita cuidado e atenção”.

É bonito e digno de admiração quando o papa escreve: “Não pensemos apenas em quantos já estão beatificados ou canonizados. O Espírito Santo derrama santidade, por toda a parte, no santo povo fiel de Deus” (GE, 6). Quanto aos caminhos da santidade, o papa diz que são diversos. São João da Cruz, em seu Canto Espiritual, sabiamente escreve: “[...] a vida divina comunica-se a uns duma maneira e a outros doutra”⁵. Contudo, em sua Exortação o Papa Francisco enfatiza: “Ninguém se salva sozinho, como indivíduo isolado, mas Deus atrai-nos tendo em conta a complexa rede de relações interpessoais que estabelecem na comunidade humana” (GE, 6). Não somos autossuficientes, mas chamados a ser administradores das coisas de Deus (1Pd 4,10), recorda o papa. Mais à frente na sua exortação, insiste o Papa Francisco: “Deixa que a graça do teu batismo frutifique num caminho de santidade. Deixe que tudo esteja aberto a Deus e, para isso, opta por Ele, escolhe Deus sem cessar [...] tens a força do Espírito para tornar possível a santidade [...] quando sentires a força da tentação de te enredares na tua fragilidade, levante os olhos para o Crucificado e diz-Lhe: Senhor, sou miserável! Mas Vós podeis realizar o milagre de me tornar um pouco melhor” (GE, 15).

Quanto às implicações comunitárias e sociais dos caminhos da santidade, diz o papa: “Contra a tendência para o individualismo consumista que acaba por nos isolar na busca do bem-estar à

³ Cf. PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Gaudete et Exultate*: sobre o chamado à santidade no mundo atual. Disponível em http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exultate.html.

Acesso em mai. 2020. (NdE: referenciado como GE a partir daqui.)

⁴ Bento XVI, *Homilia no início solene do Ministério Petriano (24 de abril de 2005)*: AAS 97 (2005), 708.

⁵ SÃO JOÃO DA CRUZ, *Cântico Espiritual B, Prólogo*, 2. In: _____. *Opere*. Roma: 1979, 490.

margem dos outros, o nosso caminho de santificação não pode deixar de nos identificar com aquele desejo de Jesus: “Que todos sejam um só, como Tu, Pai, estás em mim e eu em Ti” (cf. GE, 146). Assim, nossa missão é inseparável da construção do Reino. Conformer-se com Cristo requer compromisso com seu reinado. Não há santificação sem compromisso. Buscar a santidade cotidianamente é buscar atingir o que Deus quis de nós ao nos criar. A santidade não nos torna menos humanos, ao contrário, plenifica nossa humanidade.

Ainda segundo Bingemer: “A santidade não é apenas uma maneira de comportar-se religiosamente ou um estilo de rezar, mas uma maneira de conceber a própria existência enquanto serviço oferecido ao outro”.

2. Paulo da Cruz e a santidade: viver o NADA

Santidade é desprendimento. Um dos modos de viver a santidade, recomendado por Paulo da Cruz, é *viver o nada*. Em suas diversas cartas, insiste com os seus interlocutores a viverem o “nada”. Ao responder a uma comunicação do irmão Bartolomeu de São Luís, escreve Paulo da Cruz: “Alegro-me por saber que o senhor tem vivido o desejo de *permanecer no seu nada* [...] Quem permanece nesse nada [...] é como a árvore plantada à beira das águas, que produz fruto em todo o tempo [...] quando Deus vê uma alma abismada no seu próprio nada, dando glória a sua Divina Majestade em tudo [...] absorve-a a si pelo amor e, com as águas da sua graça triunfadora, rega-a sempre. Dessa maneira ela se torna uma árvore frutífera, que sempre produz seu fruto [...]”⁶. Nesta mesma carta Paulo da Cruz recomenda ao irmão Bartolomeu deixar desaparecer o nosso NADA no infinito TUDO, que é Deus. E o caminho é revestirmo-nos de Cristo (Rm 13,14).

Esta mesma recomendação já tinha sido feita à irmã Maria Crucifixa Constantini: “Acima de tudo, deixe-se guiar pelo Espírito Santo. Permaneça no seu NADA, e quando sentir as impressões e os atrativos divinos, siga-os com o convite que Deus lhe faz [...]”⁷.

3. Viver na santidade em tempos de COVID 19

Em tempos de pandemia, posturas éticas são testadas, inclusive as virtudes da santidade. A pandemia causada pelo Covid-19 é uma provação para toda a humanidade. Muitos têm expressado o desejo de “que a realidade volte ao normal”! Mas sobre qual normalidade estão falando? O que poderemos chamar de “normal” durante e depois dessa pandemia? Fatos demonstram que “a normalidade” vivida por grande parte da humanidade colocou nossa Casa Comum em estado de profundo esgotamento. Teremos que fazer novas escolhas e delas não sairemos ilesos. Será que não é momento de aprender com São Paulo da Cruz a viver o NADA? Aqui entendendo esse NADA como o essencial e necessário para a dignidade da pessoa, assumindo que somos interdependentes, limitados e finitos. Paradoxalmente vemos nesse tempo que as pessoas estão morrendo e a natureza revivendo: águas menos poluídas e mais cristalinas, céu mais transparente, menos queimadas, climas mais saudáveis... Sinais de que muitas coisas estavam, e estão, fora da ordem! Temos que admitir: a terra limitada não aguenta um projeto ilimitado de crescimento. Nesse contexto, qual “normalidade” queremos construir? Fazer essa reflexão é também discutir santidade!

Muitos, ingenuamente, afirmam que este momento é um “recado de Deus”. Penso o contrário, é preciso assumir nossa própria responsabilidade. Acredito ser esse momento um recado da humanidade para si mesma! É tempo de repensar nossas posturas entre nós e com toda a natureza. De admitir que Infinito só Deus! Analisar esse momento como “castigo de Deus” é muito perigoso e, no mínimo falta de responsabilidade da nossa parte.

Recolher-se, praticando o distanciamento social nesse tempo de pandemia também é uma expressão de santidade porque não só cuidamos da nossa vida como da vida de todos. Distanciados, mas não sozinhos. É tempo de recolhimento, de “solidão povoada” (São João da Cruz) e solidária para estarmos em comunhão.

A saudade das pessoas, dos familiares, reconduzindo-nos às nossas origens e a nós mesmos; a saudade “do que fazíamos antes”, podem transformar nossa solidão em solitude. Assim, a quarentena não se trata, necessariamente, de solidão, de um vácuo atroz,

⁶ SÃO PAULO DA CRUZ, *Op. cit.*, V. 3, p. 289.

⁷ *Ibid.*, Carta à Madre Maria Crucifixa Constantini, 10 de agosto de 1741. V. 3, p. 289.

mas de deixar-se ser acompanhado por nós mesmos. Uma companhia que pode ser agradável e de autoconhecimento. Aos poucos iremos perceber que o suposto “vazio” está habitado. Habitado de memórias e desejos futuros.

Em tempos de pandemias somos desafiados de vários modos. Desafios que talvez no cotidiano agitado que vivíamos não nos dávamos conta. Por exemplo: forçosamente estamos em comunidades religiosas, em família, cuidando dos filhos, inventando meios de gastar nosso tempo, com menos contatos externos... Como resignificar tudo isso, uma vez que não foram opções livres? Como viver a mansidão, a tolerância, a caridade, a compaixão, a acolhida, a colaboração e a comunicação não violenta, como cultivar espiritualidade etc., nesse “novo” contexto? Numa visão mais ampla, como ser solidário, como trilhar um caminho de santidade defendendo a vida em meio a tantas vulnerabilidades?

Há que se dizer ainda de uma outra realidade. Se por um lado a pandemia do Covid-19 nos colocou em distanciamento social, sem o nosso querer, ela nos colocou também à distância dos corpos sem vida de tantas pessoas queridas, não nos permitindo nem mesmo os velórios. Lembremo-nos: ver a pessoa morta, expor o corpo, fazer o velório são culturalmente passos para um “fechamento simbólico” da vida corpórea. Não ter corpo para velar é tornar invisível o que a minha memória afetiva não permite que seja.

Por fim, se a santidade é alcançada nas pequenas coisas do nosso cotidiano, fazendo da nossa vida um altar de amor a exemplo do Crucificado, vivendo o NADA, conforme inspiração de São Paulo da Cruz, nestes tempos tão atribulados e vulneráveis é necessário, mais do que nunca, pedir “ao Espírito Santo que infunda em nós o desejo intenso de ser santos para a maior glória de Deus; e animemo-nos uns aos outros neste propósito [...]” (GE, 177).

REFLEXÃO

- ❖ Como compreender nosso chamado à santidade diante de um Deus que se dá por inteiro, por amor, na Cruz?
- ❖ Como viver os valores da mansidão, da tolerância, da caridade, da compaixão, da acolhida, da colaboração, da comunicação não violenta e do cultivo da espiritualidade diante deste novo contexto em que vivemos?
- ❖ Qual a nova “normalidade” que queremos construir durante e depois desta pandemia?
- ❖ De que modo o testemunho de São Paulo da Cruz e os demais testemunhos de vivência da espiritualidade da Paixão (santos, beatos, veneráveis, servos de deus, fundadoras) me ensinam a trilhar um caminho de santificação pessoal e comunitária, pautado na solidariedade e na defesa da vida?

CALENDÁRIO DE ESPIRITUALIDADE PASSIONISTA – JUNHO DE 2020

- 06 Bem-aventurada Maria, Virgem Dolorosa. *Missas e ofício votivo.*
- 07 São Paulo da Cruz é ordenado presbítero pelo papa Bento XIII (1727).
- 11 São Paulo da Cruz pronuncia os votos religiosos (1741).
- 12 Beato Lourenço Maria de S. Francisco Xavier Salvi (1782-1856), presbítero passionista. *Memória.*
- 18 São Paulo da Cruz, *missa e ofício votivo.*
- 26 Cristo coroado de espinhos. *Missas e ofício votivo da Paixão (II).*
- 27 Bem-aventurada Maria, Virgem Dolorosa. *Missas e ofício votivo.*
- 28 São Paulo da Cruz é inscrito no Calendário dos Santos pelo Beato Pio IX (1867).
- 29 Recordação do Venerável Pe. Norberto Cassinelli CP (1829-1911), presbítero passionista.

EXPEDIENTE: *Equipe de Espiritualidade da FPB* – Ir. Jaqueline B. de Oliveira, CP (Prov. São Gabriel); Ir. Maria Irene da Silva, CP (Prov. Rainha da Paz); Ir. Rosana Bertachi, CP (Prov. Imaculado Coração); Pe. Marcel Alcleante Alexandre de Sousa, CP (Prov. Getsêmani); Pe. Vanildo de Jesus Nascimento, CP (Prov. Exaltação da Santa Cruz); Carlos Renato Moiteiro (CLPs – Região Centro/PR).